

Além Áurea

Everton Bonfim

Personagens

Urias – Escravo

José - Escravo

Isabel - Escrava

Ana - Escrava

Clarice – Escrava

Floris – Escrava

Jornaleiro das ruas

Escravos de Angola

Caetano José do Amaral – Dono da Fazenda – Sinhô

Carlota Barbosa do Amaral – Esposa do Fazendeiro - Sinhá

Áurea – Filha do Fazendeiro –Sinhazinha

João – Filho de Áurea com Urias

Feitor

PRIMEIRO ATO

PRÓLOGO

(Música. Abre a cena com o Sinhô esperando o Feitor com a carroça de escravos comprados no mercado.)

(Em uma tela branca estendida no portão da garagem serão projetadas imagens da carroça indo pra fazenda.)

(A carroça chega pela rua do espaço que será a representação.)

(O Feitor pára em frente ao portão e descarrega os escravos.)

Cena 1

A recepção dos escravos

Sinhô – Olhaste os dentes?

Feitor – Sim, senhor.

Sinhô – E quais as habilidades?

Feitor – Estes aqui tem força, servem pro trabalho de carregamento. Estas são para o plantio e colheita do café. Esta é para o trabalho doméstico da dona Sinhá.

Sinhô – Bom trabalho Feitor. Agora os leve para trabalhar. *(sai)*

Feitor – Vamos! Vou botar cada um no seu lugar. Anda. Aqui. Mais pra trás. Do lado dela. Na frente. Ao trabalho se não quiserem ir para o tronco logo no primeiro dia.

Cena 2

Coreografia: Escravo Baiano

(Música. Os escravos executam movimentos coreografados em meio a um profundo sentimento de tristeza e revolta.)

Cena 3

Uma mucama para Áurea

(Sinhá é trazida em uma liteira (cadeirinha) por escravos da fazenda)

Sinhá – Vim buscar minha nova mucama. Quem de vocês foi comprada para este serviço?

Floris – Sô eu.

Sinhá – Muito bem. Venha cá. Se aproxime. Mostre-me teus dentes.

(Floris mostra os dentes)

Sinhá – Perfeitos. Acompanhe-me. Quero que conheça minha filha. É dela que você vai cuidar.

(Floris acompanha a Sinhá, que sai de cadeirinha.)
(Os bancos são arrumados para o quarto de Áurea)

Cena 4

No quarto de Áurea I

(Áurea está lendo. Batem na porta)

Áurea – Quem é?

Sinhá – Sou eu, sua mãe?

Áurea – Entre mamãe.

Sinhá – Minha filha levante-se, quero que conheça esta Escrava.

Áurea – *(p/ a Escrava)* Qual é seu nome?

Escrava – Floris.

Áurea – Bonito nome. Mas por que eu tenho que a conhecer mamãe?

Sinhá – Porque de agora em diante ela será sua.

Áurea – Eu já disse que eu não preciso de uma mucama mamãe.

Sinhá – Você é uma dama Áurea, precisa ter alguém em quem mandar.

Áurea – Eu não preciso que ninguém faça as coisas por mim mamãe.

Sinhá – Eu não vou discutir com você sobre isso Áurea. A Floris será sua mucama e pronto.

(Sai do quarto. A Floris vai atrás)

Sinhá – Você fica. *(Sai)*

Áurea – Venha cá. Sente aqui. Que dia você chegou?

Floris – Onti.

Áurea – Já que você vai estar comigo o tempo todo. Podemos ser amigas. Por mim não existiria escravo. Eu sinto vergonha por tudo isso.

Cena 5

Na cidade I

Jornaleiro de rua – Extra! Extra! Fuga de Escravos! O escravo de nome Antonio fugiu da fazenda do senhor Caetano José do Amaral. Fugiu vestido de calça azul e camisa de chita e

aparenta 30 anos. É escravo de roça. Quem o aprender e levar ao seu senhor, receberá a quantia de 20 contos de réis.

Cena 6 **No terreiro de café I**

(Os escravos trazem o café para a secagem no terreiro)

Feitor – Senhor, fui até a cidade. O jornaleiro já está anunciando a fuga do desgraçado.

Sinhô – Se eu pego este negro, amarro no pelourinho e dou-lhe 70 chibatadas. E aqui como andam os escravos novos?

Feitor – Estão bem comportados senhor, trabalhando bem.

Sinhô – Prepare-me a carroça. Vou cuidar de minhas terras.

Feitor – Já está pronta, senhor, quer que eu dirija?

Sinhô – Não. Eu vou sozinho. Fique de olho nos escravos, a situação está ficando cada vez mais incontrolável.

(A carroça sai e o Feitor fica vigiando os escravos)

(A Sinhá grita de dentro da casa)

Sinhá – Feitor. Quero que venha aqui imediatamente.

(O Feitor sai. Os escravos conversam entre eles)

José – Não era Antonio que tava armando brincadeira de angola pra hoje a noite?

Isabel – Era ele memo. O danado fugiu nessa madrugada.

Clarice – Que ele encontre algum quilombo, com a força dos orixás.

Ana – Tão dizendo que vai ter jogo memo assim.

Urias – Quero ver não ter.

(Feitor volta)

Feitor – Calem a boca. Querem que eu use minha palmatória nova.

(Áurea chega)

Áurea – Posso saber por que eles não podem nem conversar?

Feitor – Senhorita Áurea. O que fazes aqui? O terreiro de café não é lugar para uma moça como a senhorita.

Áurea – Por que não? Quero conhecer como eles trabalham. Aliás, quero que se retire.

Feitor – Mas senhorita.

Áurea – É uma ordem.

Feitor – Esta bem. Mas o senhor seu pai saberá disso. *(Sai.)*

Áurea – Pois bem Floris. Quem são as pessoas da sua família que você está com saudade?

Floris – Meus parenti.

Áurea – Pode abraça-los.

Floris – Pode memo Sinhá?

Áurea – Vai logo antes que o Feitor volte.

(Floris vai correndo abraça-los)

Isabel – Quem é ela?

Floris – È a filha da Sinhá.

Ana – E por que ela te trouxe aqui?

Floris – Porque ela é minha dona.

Clarice – Você que pediu?

Floris – Sim. Ela ta sendo muito boa pra mim.

José – Sorte sua. Desde quando a gente chegou não tivemos discanço.

Urias – *(olhando p/ Áurea e dizendo para Floris)* Hoje a noite vai te brincadeira de angola. Por que você não traz a sua dona?

Floris – Você quer que eu fique de castigo Urias?

Áurea – Floris, vamos! Antes que minha mãe sinta minha falta.

Floris – Já vou senhorita Áurea. *(para Urias)* Vê se não fica se engraçando pro lado da moça.

Áurea – Vamos.

Floris – Obrigada sinhazinha.

Áurea – Quem é aquele?

Floris – Meu irmão. *(Saem)*

Urias – A dona não parou de me olhar desde que chegou.

Isabel – O Sinhô ti mata se descobre.

Clarice – Bem que ela podia leva a Floris hoje a noite na senzala.

Ana – Eu to com fome.

José – O Feitor ta vindo.

(O Feitor vai de encontro com o Sinhô para amarrar o cavalo)

Feitor – Senhor, sua filha esteve no terreiro de café hoje a tarde.

Sinhô – Áurea esteve aqui?

Feitor – Sim. Trouxe sua mucama e me ordenou que a deixasse sozinha com os escravos.

Sinhô – E você a deixou?

Feitor – Ela insistiu, senhor.

Sinhô – Vou saber dessa estória direito.

(Sai – Fecha a cena)

Cena 7

No quarto de Áurea II

Sinhá – Posso saber onde a senhorita esteve no final da tarde?

Áurea – Sai pra dar uma volta com Floris.

Sinhá – Sim, mas onde?

Áurea – Até a lagoa.

(Ouve-se a voz do Sinhô gritando o nome de Áurea)
(O Sinhô entra no quarto)

Sinhô – Que estória é essa de visitar o terreiro de café Áurea?

Sinhá – Ela foi até a lagoa querido.

Sinhô – O Feitor me disse que ela ordenou que a deixasse a sós com os escravos no terreiro.

Sinhá – Oh, Oh! Minha filha. Vai tomar um banho. Como pode minha filha?

Áurea – Fui levar Floris para rever seus parentes.

Sinhá – Minha filha Escrava não tem parentes, é tudo igual.

Sinhô – Se eu ficar sabendo de mais uma visita aos escravos, eu te ponho de castigo trancada no porão.

Áurea – Eu fujo.

Sinhá – Minha filha não desafie seu pai.

Sinhô – E ainda me perguntas por que eu queria um filho homem? (Sai)

Sinhá – Esta vendo minha filha, a vergonha que me faz passar diante de seu pai.

Áurea – Mas minha mãe, e não vejo nenhum problema em conversar com os escravos.

Sinhá – Você quer ficar falada minha filha?

Áurea – Não mamãe.

Sinhá – Onde está sua mucama?

Áurea – Foi até a cozinha buscar um copo d'água.

Floris – Com licença Sinhá. Aqui está seu copo d'água Dona Áurea.

Sinhá – Que isso não se repita Áurea. Boa noite! (Sai)

Áurea – Boa noite mamãe. O Feitor disse tudo ao meu pai.

Floris – E agora?

Áurea – Não se preocupe, com meus pais eu me entendo. Agora temos que pensar como vamos a brincadeira esta noite.

Floris – Mas Sinhá é muito arriscado.

Áurea – Não é não. Meus pais nunca vão imaginar que eu iria a uma senzala.

Floris – Se a senhora quisé eu levo.

Áurea – Que horas vai começar?

Floris – Já deve ta começando.

Cena 8 **Berimbau na Senzala**

(Os escravos estão cantando, batucando e brincando de angola)
(Áurea aparece na senzala vestida de Escrava. As Escravas vão falar com Floris)

Clarice – Floris, tu ta doida de traze a sinhazinha aqui.

Ana – O Feitor conto tudo pro Sinhô.

Floris – Eu to sabendo, mas a sinhazinha quis vim mesmo assim.

Isabel – Ala ela, toda assanhada pro lado do Urias.

(Urias vai ao encontro de Áurea)

Urias – A senhorita é bem corajosa. Se o Sinhô ti pega aqui...

Áurea – Eu não tenho medo do meu pai. E você?

Urias – Eu também não tenho medo dele não.

Áurea – E qual é seu nome?

Urias – Urias Barbosa. Quer entrar na brincadeira?

Áurea – É melhor não, prefiro ficar assistindo.

Urias – Senta aqui.

(Áurea senta ao lado de Urias)

(De repente entram na senzala, o Feitor, o Sinhô e a Sinhá)

Sinhô – Quero que parem com esse batuque. Olhe onde está sua filha!

Sinhá – Oh, minha filha. Olhe como você esta vestida, descalça feita uma Escrava. Sai daí imediatamente.

Áurea – Não saio mamãe, qual o problema d’eu me sentar junto aos escravos.

Sinhô – *(a pega pelo braço)* Vamos Áurea, já perdi a paciência. Vamos!

Áurea – Me solta papai, eu não sou mais criança.

Sinhá – *(chorando)* Como pode minha filha?

Sinhô – Vai ficar de castigo trancada em seu quarto. E você Escrava imunda, vai pagar pelos teus passeios. Feitor cuide dela.

Áurea – Não papai, não castigue Floris, a culpa é minha.

(O Sinhô e a Sinhá levam Áurea pra casa, enquanto o Feitor leva Floris para ser castigada. Ouve-se a tortura)

Isabel – Culpa dessa sinhazinha

Clarice – Tomara que apanhe do pai.

Jose – *(para Urias)* Floris ta apanhando por causa do capricho da sinhazinha.

Urias – **Áurea** não teve culpa.

Isabel – Teve sim.

Clarice – Toda assanhada pro lado do **Urias**.

Ana – Por que foi se meter onde não é chamada?

Urias – Eu chamei. **Áurea** ta do nosso lado. Ela pode muito bem ajuda nois a fugi.

José – Mas se ela te quer, ela não vai ajuda ocê fugi.

Urias – Eu convenço ela fugi comigo.

(O **Feitor** aparece com **Floris** toda machucada)

Feitor – Que sirva de lição para os outros. (sai)

(As **Escravas** cuidam de **Floris**)

Urias – Esse **Feitor** me paga.

(**Áurea** aparece novamente na senzala)

Floris – Sinhazinha, o que fazes aqui?

Áurea – Me desculpe **Floris**, a culpa foi minha.

Isabel – É melhor a **Sinhá** voltá pra casa.

Ana – O **Feitor** pode voltar.

Clarice – E depois quem é castigado somo nós.

Áurea – Eu vim buscar **Floris**. Na casa posso cuidar muito melhor dela. **Urias** me acompanhe, carregue sua irmã até o meu quarto.

(**Urias** sai com **Floris** nos braços)

Cena 9 **No Quarto de Áurea III**

(**Floris** está deitada na cama, **Áurea** esta a seu lado cuidando dos ferimentos.)

Áurea – **Floris** dormiu.

Urias – Acho mió eu voltar pra senzala.

Áurea – Não. Você fica. Quero conversar com você.

Urias – Mas sinhazinha é perigoso.

Áurea – Não é não. Venha, vou te levar pro meu esconderijo.

(Saem de cena. Fica **Floris** dormindo. Fecha a cena)

Cena 10 **Na cidade II**

Jornaleiro de rua – Extra! Extra! Nova lei! Governo assina a “lei do ventre Livre”. Todas as crianças nascidas de **Escravas** a partir de hoje, serão livres.

Cena 11 **No terreiro de café II**

José – Nosso filho vai nasce livre **Isabel**.

Isabel – Bem que eu queria...

José – Bento leu no jornal, o governo assinou uma lei que diz que a partir de hoje todas as crianças nascidas de **Escravas** estão livres.

Isabel – Que noticia boa **José!**

(Entra o **Feitor**)

Feitor – Que algazarra toda é essa? Ao trabalho. (sai)

Urias – **Áurea** disse que ta grávida di eu.

Clarice – E o sinhozinho e a **Sinhá** já sabe disso?

Urias – **Áurea** disse que não ta dano mais pra esconde.

Ana – Se prepara **Urias**. Quando o sinhozinho fica sabendo, vai vim castigo.

Urias – Aquele **Feitor** que vem pra cima de mim. Eu mato ele mais o sinhozinho e fujo.

Ana – Mas se eles te pegam o castigo é dobrado.

José – Então oçê vai se pai?

Urias – È bem capaz deles vendê a criança.

José – Mas saiu no jornal hoje...

Urias – Que o governo assinou a lei... ah, **José** eu duvido que funciona.

(Entra o **Feitor**)

Feitor – Escravos, chegou a comida, comam rápido, há muito trabalho a fazer.

(Os escravos saem de cena)

Cena 12 **Na mesa do jantar**

Áurea – Onde esta papai?

Sinhá – Esta vindo.

Sinhô – O que foi desta vez **Áurea**?

Áurea - Os senhores vão ser avós?

Sinhá e Sinhô – O quê?

Sinhá – Eu avó, como assim **Áurea**?

Áurea – É isso mesmo eu estou grávida.

Sinhô – Esta mentindo, não saiu da fazenda nestes últimos meses.

Áurea – Eu estou grávida de um escravo.

Sinhá – Não é possível **Áurea**, eu não estou acreditando. Já não basta teu pai que andou engravidando **Escravas**.

Sinhô – Não confunda as coisas Carlota. É a nossa filha que esta grávida e não uma **Escrava**.

Sinhá – Grávida de um escravo.

Áurea – Eu o amo, mamãe.

Sinhá – Que o amas. Onde você está com a cabeça **Áurea**? Amar um escravo.

Sinhô – Qual é o nome do infeliz?

Áurea – Não vou falar. Pra quê? Pro senhor castiga-lo.

Sinhô – Não vai falar, pois bem, o **Feitor** deve sabe o nome desse desgraçado. (Sai)

Áurea – Não faça nada a ele papai.

Cena 13 **Conversa com Feitor**

Sinhô – **Feitor!**

Feitor – Sim, coroné!

Sinhô – O senhor sabe de algum escravo que andou se engraçando pro lado de minha filha **Áurea**?

Feitor – O nome da peste é **Urias**. Todo mundo ta comentando que ele ando se encontrando as escondidas com **Áurea**.

Sinhô – Negro desgraçado. Leve-o para a prisão do Calabouço e coloque o anuncio no jornal. Vamos vende-lo para um lugar bem longe daqui. Ficaremos com a criança, daqui a alguns anos ela me dará lucro. Agora vá prende-lo.

Feitor – Sim, senhor.

Cena 14 **Na cidade III**

Jornaleiro da rua – Extra! Extra! Venda de escravos! Na prisão do calabouço acha-se em custódia, um escravo de nome **Urias**, da raça jibolo, com a idade de 26 anos, bem feito de corpo, muito bonito e sadio, por ser ladino não é ladrão, não é mijão e nem é bêbado. O único motivo para a prisão e venda é por insistir em viver amancebado com uma mucama da casa, quem o pretender pode dirigir-se à dita prisão para o ver e ajustar. Procurar na rua detrás do hospício número 113.

SEGUNDO ATO

Cena 15 No ateliê de Áurea

João – A senhora acha que meu pai já morreu?

Áurea – Fazem 15 anos que seu avô o prendeu no calabouço pra ser vendido.

João – E a senhora nunca mais teve notícias dele?

Áurea – **Floris** disse que ele está fugido em algum quilombo.

João – A tia **Floris** sabe onde ele está?

Áurea – Não sei. Mas com certeza **João**, **Urias** nesse momento esta lutando pelo sonho de liberdade do povo negro.

João – A tia **Floris** disse que foi ele quem matou o meu avô.

Áurea – Não sei. Pensando bem, o mataram logo depois que ele te vendeu para o coronel Leôncio.

João – Meu avô era insuportável mãe.

Áurea – Papai sempre foi uma pessoa má, egoísta.

João – Se era capricho de meu avô, então por que ainda temos escravos nessa fazenda? Hoje mesmo saiu no jornal que assinaram uma lei que liberta os escravos com mais de sessenta anos.

Áurea – Mas aqui na fazenda não temos escravos com mais de sessenta anos, dificilmente eles vivem até esta idade.

João – O professor **Anacleto** disse que até a igreja católica, pela primeira vez, em quase 400 anos, está se manifestando contra a escravidão.

Áurea – Farei uma exposição destes quadros no clube da cidade, também em forma de protesto.

João – Mãe quero lhe mostrar alguns versos do poeta Castro Alves que o professor passou.

Áurea – Leia para mim, meu filho.

João – (Lendo)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! Porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! Noites! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria o algoz?...
Quem são?...Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa!
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão...

(A notícia do jornal faz um contra ponto sonoro com o poema)

Jornaleiro – Extra! Extra! Nova lei!
Finalmente a princesa Isabel,
sob muita pressão, assinou a lei Áurea,
que extingue a escravidão no Brasil.

Cena 16

Escravas na cozinha

(As **Escravas** estão picando legumes e verduras para o jantar)

Clarice – Desde que o sinhozinho morreu, a **Sinhá** não para de receber visitas dos coroné da cidade.

Ana – Ela não consegue nem disfarça que gosta mesmo é do **Feitor**.

Floris – Ih, esse caso é antigo, ela se encontrava com ele, antes mesmo do sinhozinho morre.

Isabel – Vocês só sabem ficar falando da vida dos outro.

Clarice – Até quando você vai viver essa tristeza, em **Isabel**?

Ana – O **José**, assim como **Urias**, já deve ter fugido do lugar que ele foi vendido.

Isabel – Deus te ouça. Sinto um aperto aqui no peito, só de pensar nele.

Floris – Dona **Áurea** acha difícil compra-lo novamente. Depois que ele quase matou o **Feitor**, **Sinhá** quer **José** bem longe daqui.

Isabel – O filho do **Urias** ela comprou de volta. O meu Samuel que deve ta maior que o neto dela, ela nem toca no assunto.

Clarice – Só que demoro pra ela aceitar o moleque.

Ana – Aceita, ela não aceito, aprendeu a conviver com o moleque depois da morte do **Sinhô**.

Clarice – E também porque **Áurea** passou a ficar mais na fazenda.

Floris – **João** é bem cuidado por **Áurea**. Não podemos reclamar ela sempre nos defendeu.

(Ouve-se uma voz ao longe gritando por **Floris**)

Floris – Estão ouvindo me chamar?

Ana – Parece a voz do **Urias**.

Isabel – E não é que é ele mesmo.

(**Urias** chega correndo)

Urias – **Floris**, minha irmã!

Floris – Oi meu irmão! Se esconda antes que o **Feitor** te veja.

Urias – Eu não preciso mais me esconder, e nem vocês precisam mais obedecer a **Sinhá** nenhuma.

Ana – do que ce ta falando criatura?

Urias – Assinaram a lei que acaba com a escravidão no Brasil, nós tamo livre.

Isabel – Quer dizer que eu vou poder ver meu filho e meu esposo?

Urias – Você vai pode morar com eles.

Clarice – Mas **Urias** pra onde é que a gente vai?

Ana – Nós não temos nada, muito menos onde morar.

Floris – Você tem certeza dessa lei meu irmão?

Urias – Na cidade ta todo mundo comemorando a nova lei, saiu no jornal e tudo.

(Entram **Sinhá** e o **Feitor**)

Sinhá – Pelo jeito a noticia veio a cavalo.

Feitor – O que este escravo está fazendo aqui?

Urias – Esse desgraçado ainda não morreu?

Feitor – Com quem você pensa que esta falando?

Urias – Eu sei muito bem com quem eu estou falando.

Feitor – (parte pra cima) Seu negro...

Sinhá – Querido controle-se. Você esqueceu porque viemos conversar com os escravos?

Floris – **Urias**, sossega você também.

Sinhá – **Escravas** e escravos, eu tenho um comunicado a todos vocês. A partir de hoje vocês não trabalham mais aqui na fazenda. Podem ir embora.

(Entram **Áurea** e **João**)

Áurea – Estão livres! (vê **Urias**) **Urias!**

João – **Urias**? Não é o nome do meu pai, mamãe?

Áurea – É o seu pai filho.

Urias – Você é o **João**?

(Pai e filho se abraçam)

Sinhá – A ordem é que vão ainda hoje. Não quero nenhum tipo de problema.

João – Por que você não fica **Urias**?

Sinhá – Eu não quero nenhum negro alojado em minha casa.

Áurea – Mamãe francamente. **Urias** tem todo o direito de morar com o filho.

Sinhá – Pois que o leve junto.

João – Iria com prazer pra ficar longe da senhora.

Sinhá – Moleque atrevido. Agora vão.

Clarice – Mas **Sinhá** e a comida?

Sinhá – Deixem tudo e vão.

Urias – Vamo, eu tenho um lugar pra gente fica. Você vem **João**?

Áurea – Não. **João** ta estudando. Venha você visitar ele. E quem sabe um dia nós é que vamos visitar vocês.

(**Áurea** e **João** abraçam as **Escravas**)

(Música)

(Os escravos saem caminhando em direção a estrada que leva a cidade)

FIM

(TEXTO: Everton Bonfim – 25 de julho de 2007)